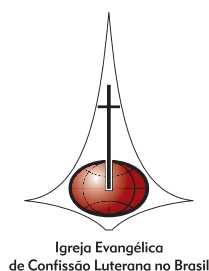


E-book da Oficina On-line de

Quaresma e Páscoa 2



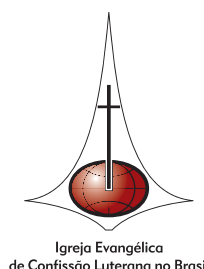
E-book da Oficina On-line de

Quaresma e Páscoa²

Assessoria: P. Emilio Voigt
e Cat. Joni Roloff Schneider

Realização:

Coordenação de Diaconia e Inclusão e Coordenação de Educação Cristã da IECLB





APRESENTAÇÃO

Neste tempo de Quaresma e Páscoa, convidamos para fortalecer a nossa fé a partir da simbologia da cruz. A cruz é o símbolo primordial da fé cristã. Ela representa a fé em Jesus Cristo e o mistério da salvação e ressurreição.

Nas igrejas e nas nossas casas certamente vamos encontrar diferentes tipos de cruzes, e cada uma com uma história, uma memória. Mas todas elas têm um mesmo formato – uma parte vertical e outra horizontal. A verticalidade da cruz nos lembra que Deus vem ao nosso encontro, Ele nos amou primeiro. Já a horizontalidade nos lembra da criação de Deus, que somos chamados e chamadas para amar e cuidar de tudo o que foi criado por Deus.

Que este tempo litúrgico possa ser marcado por um tempo de pausa, reflexão, ação e celebração da vida.

Que a oficina on-line de Quaresma e Páscoa 2023 possa estimular a Diaconia que transforma situações e vidas e trazer o doce sabor da Páscoa até nós.

Abençoado tempo de Quaresma e Páscoa!

Diácona Carla Vilma Jandrey

Catequista Daniela Hack

Pastor Emilio Voigt

Catequista Joni Roloff Schneider

Catequista Maria Dirlane Witt

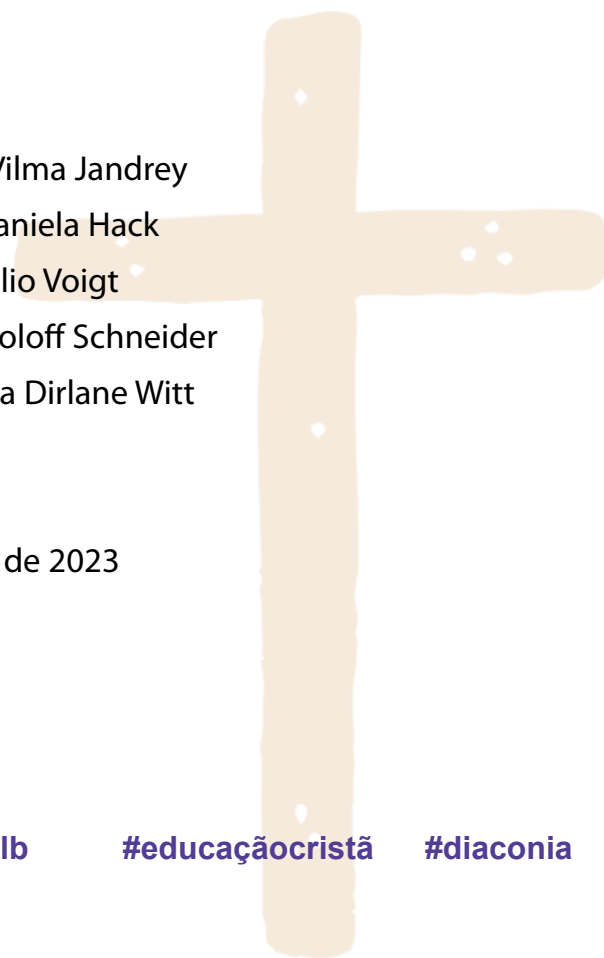
Quaresma de 2023

#quaresmaepascoanaieclb

#somosieclb

#educaçãocristã

#diaconia





SUMÁRIO

Neste material você encontra:

ROTEIRO DA OFICINA – PRIMEIRA NOITE

Cruz de Cristo: contexto e significado	5
Oração da noite	14

ROTEIRO DA OFICINA – SEGUNDA NOITE

Meditação inicial – Ele vive!	15
Cruz de Cristo: propostas práticas	16
1. Calendário de Quaresma – técnica de colagem com rolinhos de papel higiênico	16
2. Na Cruz, Jesus morreu por mim – técnica do carimbo	19
3. Na Páscoa, Deus vem ao nosso encontro – técnica da rasgadura	20
4. Páscoa é vida nova! – técnica da cruz com lã colorida	21
5. Páscoa é alegria! – técnica de rolinhos de papel revista	23
Oração da noite	25

ENCONTROS E CELEBRAÇÕES

O artista da paz: a história da Cruz Salvadorenha	26
Celebração de Páscoa com crianças	27
Meditação de Quaresma – a cruz de Cristo	28
Meditação para a Quaresma – centralidade da cruz	30
Dinâmica da cruz – técnica de rasgadura e papel	34

POESIAS

Encarar a cruz de Jesus	36
Duras penas!	36
Viva a Páscoa – jogral	37

CANTOS

Hinos do Livro de Canto da IECLB que refletem sobre a Cruz	40
--	----



PRIMEIRA NOITE

CRUZ DE CRISTO: CONTEXTO E SIGNIFICADO

Pastor Dr. Emilio Voigt

A cruz é o símbolo mais conhecido do Cristianismo. Ela representa a reconciliação e a salvação concedidas através da morte de Jesus Cristo. Em muitos casos, a cruz tornou-se objeto de decoração: é usada em colares, em brincos e pulseiras; é pendurada em quartos, salas e até em retrovisores de automóveis. É claro que pessoas que usam a cruz como decoração também podem preservar o seu significado simbólico. Em todo caso, seja como símbolo ou objeto de decoração, duas coisas não podem ser esquecidas: a ação de Cristo em nosso benefício e a crueldade associada à cruz.

Quando declaramos o que cremos a respeito de Jesus, dizemos que ele sofreu uma morte violenta: *“Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado”* (Credo Apostólico).

“Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos” aponta para um sofrimento que foi imposto a Jesus por Pilatos, um procurador romano que atuou na Judeia entre os anos 26 d.C. e 36 d.C. A referência a ele no Credo Apostólico é importante para afirmar historicamente a morte de Jesus. Ao situar Jesus em um contexto histórico, declaramos que ele não é um personagem de ficção. Jesus nasceu, viveu, morreu e ressuscitou em uma determinada região e em um período. O conhecimento do contexto é importante para entendermos a amplitude da obra de Cristo.

1. O CONTEXTO DO NASCIMENTO DE JESUS

O cenário da atividade de Jesus era a Terra de Israel. Escritos romanos da época utilizavam o termo Palestina e em escritos judaicos é mais comum encontrar o termo Judeia. Terra de Israel, Palestina ou Judeia são nomes diferentes para falar de um mesmo território que tinha mais ou menos o tamanho de Sergipe, o menor estado brasileiro. “Judeia” também poderia designar uma das regiões que constituíam a Terra de Israel. Apesar de pequena, a Terra de Israel foi muitas vezes alvo de grandes impérios.

No ano de 63 a.C., a Terra de Israel foi ocupada militarmente pelo Império Romano e ficou submetida à província romana da Síria. O Império Romano, que tinha sua capital em Roma, abrangia territórios na Europa, Ásia Menor e África. A população era estimada em 50 a 80 milhões de pessoas. Destas, aproximadamente sete milhões eram consideradas cidadãs romanas, ou seja, eram pessoas livres. As demais faziam parte do contingente de pessoas escravas e de povos subjugados.

O extenso domínio romano estava baseado em um poderoso aparato militar. Na província da Síria estavam estacionadas quatro legiões de soldados romanos. Cada legião tinha entre 5.000 a 6.000 mil soldados. Na Palestina, ficavam destacamentos militares menores. Se necessário, as legiões se deslocavam da Síria.

A administração local podia ser conduzida por reis do território conquistado ou por oficiais romanos. Herodes Magno (Herodes, o Grande) governou a Palestina no período de 37 a.C. até 4

a.C. Este era o Herodes ao qual se refere o evangelista Mateus: *“Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes”* (Mateus 2.1).

O fato de Herodes reinar até o ano 4 a.C. e, mesmo assim, ter sido o soberano na época do nascimento de Jesus se deve a um cálculo realizado séculos após a sua morte. Por muito tempo, a tradição cristã utilizou o calendário romano, que era baseado na data de fundação de Roma. Por volta do ano 520 d.C., o monge Dionísio procurou estipular a data da primeira Páscoa e o ano do nascimento de Jesus. Seguindo as informações que tinha, considerou que Jesus teria nascido no ano 753 da fundação de Roma. Assim, o ano de 754 foi definido como sendo o primeiro ano da era cristã. Os acontecimentos depois do nascimento de Jesus passaram a ser datados com a sigla A.D. (Anno Domini = ano do Senhor) ou d.C. (depois de Cristo). Hoje, é consenso que o cálculo de Dionísio foi impreciso e que Jesus nasceu provavelmente seis anos antes do tempo estipulado pelo monge.

Herodes morreu no ano 4 a.C., quando Jesus tinha cerca de dois anos de idade. Em testamento, o rei determinou que o seu território fosse dividido entre três filhos, porém isto precisava ser confirmado pelo imperador romano. Enquanto a questão era analisada em Roma, tumultos começaram a surgir na Terra de Israel. Diante da situação instável, o governador romano da Síria, Públio Quintílio Varo, enviou uma legião para Jerusalém. Na festa de Pentecostes, uma multidão atacou os soldados romanos. Após lutas sangrentas, os romanos conseguiram restabelecer temporariamente o comando. Revoltas pipocavam em outros lugares. Na cidade de Séforis, um grupo conseguiu se apropriar das armas armazenadas na cidade. Na região da Pereia, Simão, um antigo escravo de Herodes, reuniu uma tropa e declarou a si mesmo como rei. Atronges, um pastor de ovelhas, coroou a si mesmo como rei e, junto com seus irmãos, ofereceu resistência aos romanos.

Com o aumento das tensões, Varo marchou para a Palestina com duas legiões e mais tropas auxiliares. A matança e a destruição foram grandes. Séforis foi incendiada e seus moradores vendidos como escravos. O governador enviou soldados pelo país para capturar lideranças das revoltas. O resultado das incursões foi a crucificação de 2.000 homens. Aqui temos uma indicação do uso do instrumento da crucificação em massa.

2. O CONTEXTO DA ATIVIDADE E DA MORTE DE JESUS

Enquanto Varo sufocava as revoltas na Terra de Israel, em Roma o imperador César Augusto confirmou o testamento de Herodes:

- Arquelau ficou com as regiões da Judeia, Samaria e Idumeia.
- Filipe ficou com a Transjordânia do Norte.
- Herodes Antipas ficou com as regiões da Galileia e Pereia.

Jesus cresceu e deve ter passado a maior parte da sua vida em Nazaré. Quando começou a anunciar a mensagem do Reino de Deus, foi morar em Cafarnaum (Mateus 4.13). Cafarnaum estava situada na região da Galileia, que era governada por Herodes Antipas (Marcos 6.14). Jesus foi ameaçado de morte na Galileia (Lucas 13.32), mas foi na Judeia, comandada por Pilatos, que ele foi crucificado. A região da Judeia foi dada inicialmente a Arquelau, mas ele foi destituído do cargo e a área passou para a jurisdição de um procurador romano. O procurador era a suprema autoridade militar e jurídica, com poder de decidir sobre a vida e a morte.

A cena de Pilatos lavando as mãos (Mateus 27.24) causa a impressão de que ele não teria sido responsável pela condenação de Jesus. A suposta hesitação de Pilatos não combina com suas ações no comando da Judeia. O historiador Flávio Josefo, um contemporâneo de Jesus, faz referência a atos de extrema crueldade praticados sob as ordens de Pilatos. Filo, outro escritor da época, descreve Pilatos como violento, cruel e ganancioso. O evangelista Lucas menciona que ele mandou matar vários galileus no pátio do templo (Lucas 13.1). Se há algo que pode ser dito sobre Pilatos é que ele não era “bonzinho”.

3. A CRUCIFICAÇÃO NO IMPÉRIO ROMANO

A crucificação era uma pena de morte. Pena de morte era um instrumento comum na Antiguidade, e, infelizmente, ainda é utilizada em alguns países. Ao longo da história, não se poupou imaginação para torná-la um ato humilhante e cruel. Enforcamento, apedrejamento, decapitação, afogamento, morte na fogueira, crucificação, são alguns exemplos.

No Império Romano, a crucificação era considerada a pena mais humilhante e desonrosa. Ela era destinada principalmente a escravos insubordinados e a pessoas acusadas de agitação e rebeldia política. Pessoas que tinham cidadania romana eram poupadas da crucificação. Aliás, muito raramente a pena de morte era aplicada a pessoas com cidadania romana. As punições mais comuns eram a multa em dinheiro ou o banimento (expulsão do território). Somente em caso de delito grave contra o Estado (por exemplo: alta traição), uma pessoa cidadã romana recebia a pena de morte. Neste caso, geralmente ocorria a decapitação, considerada uma forma mais “honrosa” de morte.

Além do episódio por ocasião da intervenção de Públio Quintílio Varo na Palestina, há outros relatos de crucificações em massa. Um caso bastante conhecido é o da revolta de Espártaco, escravo que liderou um enorme movimento rebelde entre os anos 73 e 71 a.C. Depois de muitas batalhas, as forças de Espártaco foram derrotadas por legiões romanas e os vitoriosos crucificaram 6.000 rebeldes ao longo da Via Appia, uma das principais estradas que conduziam a Roma.

A crucificação em local público era uma forma de atemorizar as pessoas e desmotivar atos de rebeldia. Além de ser um castigo brutal, servia como instrumento de intimidação e dissuasão. No ano 66 d.C., iniciou-se uma rebelião do povo judeu contra o Império Romano, culminando em uma guerra, que foi vencida pelos romanos no ano 70 d.C. Durante o cerco a Jerusalém, o general Tito mandou torturar e crucificar diariamente centenas de judeus ao longo dos muros da cidade. Esta ação visava quebrar a determinação dos combatentes que resistiam às forças romanas. Josefo escreve que foram tantas as pessoas crucificadas, que acabou o estoque de madeira das tropas romanas.

4. A ATROCIDADE DA CRUCIFICAÇÃO

Em uma crucificação, a pessoa era presa a uma árvore, a uma estaca ou a uma combinação de estaca vertical (moirão) com uma viga horizontal (barrote). Isto significa que a cruz não tinha necessariamente o formato que conhecemos hoje. A cruz simples era constituída por um elemento vertical (árvore ou estaca). A cruz completa era composta pelo elemento vertical e por uma viga horizontal. Em alguns locais, as estacas verticais ficavam permanentemente posicionadas, à espera de condenados. Para fixar a pessoa à cruz eram utilizados pregos ou cordas. Os pregos tinham a haste quadrada, com diâmetro de 1 cm e comprimento entre 13 e

18 cm. As perfurações provocadas pelos pregos causavam dores terríveis e incessantes.

A agonia da cruz era precedida por diversos flagelos. O interrogatório já poderia ser feito com emprego de tortura. Após a sentença, a pessoa era submetida a uma flagelação pública, procedimento seguido por Pilatos: *“E, depois de mandar açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado”* (Marcos 15.15). O açoitamento dilacerava as costas: rasgava a pele e arrancava pedaços de carne. Além de extremamente doloroso, ocasionava a perda de grande quantidade de sangue. Os soldados responsáveis pela execução tinham liberdade de ampliar o sofrimento. E foi assim que eles zombaram de Jesus, colocaram uma coroa de espinhos, bateram em sua cabeça, cuspiram nele (Marcos 15.16-20). Aos olhos dos soldados romanos, Jesus fazia parte da “escória”, ou seja, não era cidadão romano e era considerado criminoso. Nesse sentido, podemos supor que as agressões citadas nos evangelhos foram feitas com brutalidade sem medida.

Quando se utilizava a cruz completa, a pessoa era obrigada a carregar o barrote nas costas, rasgadas pelos açoites, até o local onde estava o moirão. É possível que Jesus estivesse tão fraco por causa da perda de sangue e das torturas, que não conseguia carregar a cruz. Esse pode ser o motivo pelo qual os soldados obrigaram Simão Cireneu a carregá-la (Marcos 15.21). Via de regra, a pessoa era crucificada completamente nua. Os evangelhos relatam que os soldados fizeram um sorteio para definir quem ficaria com a roupa de Jesus (Marcos 15.24).

A crucificação era uma forma dolorosa e lenta de execução. A morte ocorria por asfixia, parada cardíaca ou colapso circulatório. Podia levar muitas horas ou até dias para acontecer. Acometida por espasmos de dor, náuseas e dificuldade de respirar, a agonia da pessoa deveria durar o maior tempo possível. O cadáver era deixado amarrado para ser devorado por aves. Muitas vezes, as aves de rapina já começavam a comer o corpo ainda vivo. O que não era comido pelas aves, era devorado por cães e outros animais quando o corpo, já em estágio de apodrecimento, despencava da cruz. Impossibilitar o enterro de uma pessoa era uma forma de desonrá-la. Além disso, a permanência do cadáver por vários dias ressaltava o caráter intimidatório da pena. Jesus não ficou pregado à cruz porque José de Arimateia pediu que Pilatos cedesse o corpo e o procurador atendeu o pedido (Marcos 15.42-47; Lucas 23.50-56).

És açoitado, adornam-te de espinhos, com bofetadas pagam teus carinhos. Dão-te vinagre, morres desprezado, à cruz pregado. (LCI 426)

5. POR QUE JESUS FOI CONDENADO?

Afinal, o que Jesus fez de tão grave para ser preso, julgado e condenado à morte? Duas instâncias – judaica e romana – estiveram envolvidas na prisão e na sentença. Apesar de a Judeia estar sob o comando de um procurador romano, muitas questões administrativas e legais estavam a cargo de autoridades judaicas. O Sinédrio era a instância máxima de decisão judaica e ordenou a prisão de Jesus. Depois de interrogatório no Sinédrio, Jesus foi levado a Pilatos, que também o interrogou. Nenhum seguidor ou seguidora de Jesus teve acesso às sessões de interrogatório e julgamento. As narrativas dos Evangelhos foram construídas com base em informações, cuja procedência não sabemos.

Uma parcela do povo e das autoridades judaicas empenhou-se na condenação de Jesus. Jesus entrou em conflito com autoridades judaicas no tocante à interpretação da lei mosaica e na crítica ao templo (Marcos 14.55ss). Mas essas autoridades também devem ter considerado o fator político. Jesus tinha um número considerável de simpatizantes e pessoas que o seguiam,

e isso poderia ser visto como um risco à estabilidade. A parcela da população que pediu a crucificação talvez fosse composta por habitantes de Jerusalém que não gostaram das palavras sobre o templo (Marcos 13.1s). Muitas pessoas dependiam economicamente do templo e poderiam ver nisso uma ameaça à sua sobrevivência. Em todo caso, não se pode colocar a responsabilidade da morte de Jesus sobre o povo judeu. O Sinédrio não tinha autoridade para impor a pena de morte. Caso tivesse, poderia apenas decretar a pena de apedrejamento. Pilatos decidiu pela crucificação por entender que Jesus subvertia a estabilidade política. A acusação “Rei dos Judeus”, colocada sobre a cruz (Marcos 15.26), indica que Jesus representava uma ameaça política.

Jesus próprio nunca se apresentou como pretendente a um trono. Tudo o que ele falou e tudo o que ele fez estava relacionado ao reino de Deus: *“Depois que João foi preso, Jesus seguiu para a região da Galileia e ali anunciava a boa notícia que vem de Deus. Ele dizia: Chegou a hora, e o Reino de Deus está perto. Arrependam-se dos seus pecados e creiam no evangelho”* (Marcos 1.14s). O “problema” do anúncio do reino de Deus é que nenhum valor, ordem ou atitude estão livres de serem questionados. Como falar de partilha sem criticar o acúmulo e a injustiça? Como acolher e perdoar sem contestar uma religiosidade que discrimina e exclui? Como buscar igualdade sem rejeitar estruturas e relações de poder injustas? Jesus morreu porque a sua pregação e a sua vivência do reino de Deus incomodaram. Ao anunciar o reino de Deus, Jesus perturbou a ordem estabelecida e a consequência foi a sua morte.

Ó meu Jesus, que mal tu cometeste? Que tão cruel sentença recebeste? Qual tua culpa? Quais os teus pecados tão castigados? (LCI 426)

6. O ESCÂNDALO DA CRUZ

Para o povo judeu, ao qual Jesus pertencia, uma pessoa crucificada era considerada maldita (Deuteronômio 21.23). Do ponto de vista romano, a pena de crucificação colocava Jesus no espectro de rebelde político. O sofrimento desse tipo de morte e o corpo nu exposto para quem estava ou passava pelo local representavam humilhação e desonra. Mas há outra questão: é difícil ver sinais divinos na cruz. Pelo contrário, a cruz parece revelar abandono e incapacidade de ação. A sensação de abandono se expressa no grito de Jesus: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”* (Mateus 27.46). A incapacidade de ação é insinuada no deboche: *“Ele salvou os outros. Que salve a si mesmo, se é, de fato, o Messias que Deus escolheu”* (Lucas 23.35).

Por várias razões, falar de um Crucificado era motivo de zombaria. Mesmo assim, a igreja cristã não desistiu de proclamar o Deus que foi pregado à cruz. *“Mas nós anunciamos o Cristo crucificado — uma mensagem que para os judeus é ofensa [escândalo] e para os não judeus é loucura”*, escreveu o apóstolo Paulo (1 Coríntios 1.23).

Quem quer cantar do amor não poderá calar da cruz. Quero por gratidão, dobrar-me diante de Jesus. Pois pertencer à cruz é sobre si tomá-la, e não se envergonhar de aqui testemunhá-la. (LCI 588)

7. O TRIUNFO DA CRUZ

Na última ceia que teve com o seu grupo, Jesus afirmou que o seu sangue, que seria derramado, constituía a nova aliança com Deus (Marcos 14.22-24). Jesus não apenas contava com a possibilidade de morrer por causa do reino de Deus. Ele assumiu a sua morte como oportunidade de redenção para a humanidade.

A morte de Cristo revela o amor de Deus, destinado a pessoas indignas, pecadoras: *“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo, embora por uma pessoa boa alguém talvez tenha coragem para morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores”* (Romanos 5.6-8). Na cruz de Cristo se manifesta a justiça divina que declara justo e inocente o ser humano pecador. É isso o que significa “justificação”. Deus aceita as pessoas sem exigência prévia e sem requerer uma compensação posterior. Através da cruz, a pessoa é justificada por méritos alheios, ou seja, pelos méritos de Cristo.

Se Jesus não tivesse ressuscitado, ele teria sido apenas uma entre os milhares de pessoas que foram crucificadas pelo Império Romano, e mais uma a se defrontar com a situação de morte cruel. A ressurreição confirmou que a vontade de Deus está acima de todas as intenções e decisões humanas. O Sinédrio teve autoridade para mandar prender Jesus. Pôncio Pilatos teve autoridade para mandar matar Jesus. Deus manifestou sua supremacia ao ressuscitar Jesus. O poder do amor é o maior de todos. A ressurreição é a vitória do amor sobre o ódio. O mal e os carrascos não triunfarão para sempre.

Deus não impôs a morte a Jesus, mas agiu através da sua morte. Transformou o que era desonra em honra, e o que era maldição, em bênção. A cruz de Cristo mostra que Deus se faz presente na miséria, na fraqueza, na dor, no sofrimento. Na cruz, encontramos um Deus misericordioso e solidário com o sofrimento humano. Com o poder do amor, vence a injustiça, a violência e a morte.

Agradecemos-te, Jesus, por nós sofreste amarga cruz. Teu sangue foste derramar, somente para nos salvar. (LCI 405)

Foi no Calvário que ele, sem falar, mostrou ao mundo inteiro o que é amar. (LCI 412)

8. CRUZ OU CRUCIFIXO?

Em alguns lugares, vemos a cruz sem o crucificado; em outros, observamos a cruz com o crucificado. Qual é a diferença? Chamamos de “cruz” o instrumento de tortura e morte sem a representação do corpo de Jesus. Chamamos de “crucifixo” a cruz que contém uma figura representando o corpo de Jesus fixado na cruz. A palavra crucifixo deriva da expressão latina *“cruci fixus”*, que significa “fixado na cruz”. Muitos crucifixos trazem a sigla “INRI”, que abrevia a expressão latina *“Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum”* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus).

Na tradição protestante, é comum utilizar a cruz sem a representação do corpo de Cristo. O crucifixo, por outro lado, é habitual na tradição católica. A cruz “vazia” acentua que a obra de Jesus Cristo se completa na ressurreição. A cruz está vazia porque Cristo ressuscitou! Assim, a cruz torna-se símbolo de vida. O crucifixo não nega a ressurreição, mas destaca o sofrimento de Jesus por nós, o sacrifício em nosso benefício.

Não existe fé cristã sem ressurreição (1 Coríntios 15.14) e não existe ressurreição sem cruz. A cruz e a ressurreição possibilitam a redenção para a humanidade. Embora a tradição protestante privilegie a cruz “vazia”, não há problema em utilizar o crucifixo. Aliás, um quadro muito famoso da época da Reforma retrata Lutero no púlpito, com uma mão sobre a Bíblia e a outra apontando para o crucifixo. Com essa imagem, o pintor Lucas Cranach indica que o centro da pregação e da comunidade cristã é Jesus Cristo. Mais importante do que uma controvérsia

sobre o uso da cruz ou do crucifixo, é saber a diferença e considerar as duas dimensões: o sofrimento e a ressurreição. Das duas dimensões emana a salvação.

9. O SINAL DA CRUZ

Muitas vezes, pessoas de tradição protestante ficam em dúvida se podem ou não fazer o sinal da cruz, muito difundido no catolicismo. O gesto de desenhar uma cruz frente à testa ou da cabeça até o peito é testemunhado desde o século II e era comum na época de Lutero. O próprio Reformador incentivou essa prática no Catecismo Menor:

“De manhã, ao sair da cama, faça o sinal da santa cruz e diga: ‘Que Deus Pai, Filho e Espírito Santo me guarde. Amém’”.

“À noite, quando você vai para a cama, faça o sinal da santa cruz e diga: ‘Que Deus Pai, Filho e Espírito Santo me guarde. Amém’”.

O sinal da cruz é feito em cultos, especialmente na absolvição de pecados, em bênçãos e na instituição da Ceia do Senhor. A prática do sinal da cruz por fiéis caiu em desuso no âmbito protestante ao longo do tempo. Não sabemos exatamente quando isso aconteceu e quais foram as razões, mas provavelmente foi uma iniciativa de diferenciação com o catolicismo. No entanto, não há problema se uma pessoa luterana faz o sinal da cruz. Seja no uso da cruz, do crucifixo ou do sinal da cruz, o importante é ter em mente o que isso representa.

10. A CRUZ COMO REPRESENTAÇÃO DE SOFRIMENTO HUMANO

A principal representação da cruz é a morte de Cristo em nosso favor. Mas a cruz também pode ser usada como metáfora para o sofrimento humano. Assim, cantamos muitas vezes:

Se na maior angústia e cruz nós não podemos ver a luz, se não há quem estenda a mão e dê conforto ao coração. (LCI 38)

Tu, do Pai prometido, dom de Cristo Jesus, vem e dá-nos tua força para levar nossa cruz. (LCI 468)

Quando a cruz pesar na vida, sofrimento, dor e lida assaltarem o cristão, não conseguirão magoá-lo, nem de Cristo separá-lo; Deus o guarda em sua mão. (LCI 523)

Tens acaso mágoas, duro é teu lidar? E pesada a cruz que tens de suportar? (LCI 626)

Sufrimento faz parte da vida. Ele pode ser causado por problemas de saúde, pelo luto, por circunstâncias pessoais e familiares, por desemprego, miséria, pela maldade de outras pessoas. Mesmo que possa vir em decorrência de decisões ou ações pessoais equivocadas, dificilmente alguém escolhe sofrer. Sofrimento também não é consequência da falta de fé. A fé não é escudo ou vacina que impede o sofrimento. Mas a fé nos ajuda a suportar o sofrimento. Assumir a cruz não significa se conformar com o sofrimento, mas procurar superá-lo. Olhar para a cruz de Cristo nos ajuda a carregar a cruz, porque sabemos que, mesmo em aparente abandono, Deus está conosco.

Muitas vezes, o sofrimento pode ser consequência da fé, do testemunho de Cristo e da vivência do seu evangelho. Testemunhar e seguir a Cristo implica viver de acordo com os seus ensinamentos. Diante de injustiças, a pessoa cristã mostra a sua fome e sede de justiça. Diante da mentira, a pessoa cristã escolhe a verdade. Diante da ganância que destrói a natureza, a

pessoa cristã defende e cuida da criação de Deus. Diante das desigualdades sociais e da miséria, a pessoa cristã denuncia o acúmulo absurdo e promove partilha. Diante da violência e da adoração às armas, a pessoa cristã busca a paz e a não violência. Essas atitudes cristãs básicas podem incomodar e perturbar as estruturas do mal. Assim como Cristo sofreu por causa do reino de Deus, também podemos sofrer no caminho da justiça, da paz, da igualdade, da verdade, da proteção da criação de Deus. Também nessa caminhada não estamos sós e contamos com a presença de Deus.

“Bem-aventurados são vocês quando, por minha causa, os insultarem e os perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vocês. Alegrem-se e exultem, porque é grande a sua recompensa nos céus; pois assim perseguiram os profetas que viveram antes de vocês” (Mateus 5.11-12).

11. A CRUZ E O JEJUM DIACONAL

A Quaresma é o período de 40 dias entre a Quarta-Feira de Cinzas e a Páscoa. Neste tempo, lembramos em especial do sofrimento de Jesus na cruz e nos preparamos para a Páscoa, a festa da ressurreição. O jejum é uma forma de aprofundar a lembrança e a reflexão, e, por isso, a época da Quaresma é conhecida como tempo de jejum.

O jejum era uma prática comum ao povo de Israel e acontecia em situações de luto ou necessidade, como sinal de arrependimento e em momentos de profunda comunhão com Deus. De forma coletiva, o povo de Israel jejuava no dia da expiação (dia do perdão), prática que persiste até hoje. Jesus passou 40 dias no deserto jejuando (Mateus 4.1-2), e daí vem a tradição de jejuar por 40 dias. Se contarmos “na ponta dos dedos”, vamos chegar a um total de 46 dias entre a Quarta-Feira de Cinzas e a Páscoa. A diferença de 6 dias ocorre porque os domingos são excluídos da contagem de dias para o jejum.

Jesus não fez do jejum uma norma e até criticou a motivação de pessoas que jejuavam (Mateus 6.16-18), porém não foi contrário ao ato de jejuar. A prática do jejum na época da Quaresma é bem arraigada no catolicismo e está se tornando mais frequente no contexto protestante. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) motiva o jejum através da *Campanha de Oração, Jejum e Ação*. Cada pessoa pode decidir livremente se quer participar ou não. O jejum não é uma obrigação, nem uma obra para a salvação, mas uma oportunidade para refletir e exercitar a fé. A obra de salvação já foi efetuada na cruz por Jesus. O jejum ajuda a nutrir a fé e nos motiva a servir a Deus e às pessoas, especialmente através do jejum diaconal.

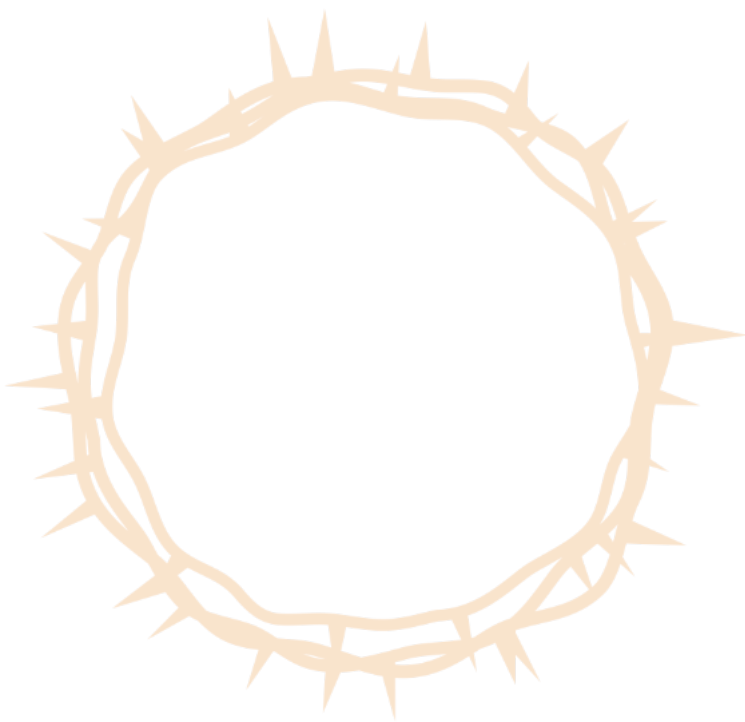
O objetivo do jejum diaconal é evitar algum tipo de alimento ou de bebida durante o tempo da Quaresma. Esse jejum também pode ser vinculado a atitudes e ao modo de vida. Neste sentido, jejuar pode significar: deixar de comprar alguma roupa, calçado ou outro objeto, limitar o uso do celular, evitar ou diminuir atividades que sobrecarregam. Cada pessoa estabelece o seu objetivo e se propõe a doar o resultado do jejum: se deixar de comprar algo, vai doar o valor economizado; se deixar de gastar tempo com atividades dispensáveis e supérfluas, vai doar este tempo fazendo uma visita, conversando ou ajudando alguém. De forma intencional e positiva, o jejum nos motiva a mudar aspectos pessoais e nos leva a praticar ações em benefício de pessoas e de causas.

A Campanha de Oração, Jejum e Ação de 2023 tem como motivação a cruz de Cristo e a cruz como representação do sofrimento humano. A morte de Cristo na cruz foi precedida e aconteceu sob muito sofrimento e humilhação. É difícil imaginar a intensidade desse

sofrimento, mas, mesmo assim, poderíamos perguntar se conseguiríamos suportar somente uma parte dele. O sofrimento foi imposto a Jesus e não foi Deus quem o prescreveu. Deus não é um sádico que planejou até os detalhes desta atrocidade. O sofrimento e a morte de Cristo foram, sim, consequências da obediência a Deus. Jesus colocou o reino de Deus em primeiro lugar na sua vida. O anúncio e a vivência do reino de Deus perturbaram pessoas e sistemas, e o desfecho foi a cruz. Em obediência a Deus, Jesus assumiu a cruz como possibilidade de reconciliar a humanidade com Deus.

Durante a Campanha de Oração, Jejum e Ação, queremos lembrar também das pessoas que sofrem das mais diversas formas, seja por doenças, desemprego, perseguições, ódio, fome, violência, solidão, falta de perspectiva. A grave situação de saúde e segurança alimentar vivida pelo povo Yanomami é uma tragédia que expõe as cruces impostas pelo descaso e pela ganância. Que outras cruces são impostas e para quais pessoas ou povos? A época da Quaresma é um tempo para refletir sobre a nossa disposição de solidariedade, seja para ajudar a carregar a cruz de outras pessoas, seja para acabar com cruces que atentam contra o Evangelho de Cristo. O tempo de Quaresma é uma oportunidade para renovar nossa disposição e engajamento na promoção da paz, da vida digna para todas as pessoas e no cuidado com a criação de Deus.

Para participar da Campanha Oração, Jejum e Ação, tome a decisão de se abster de algo ou procure fazer algo diferente. Assuma também o propósito de orar todos os dias e procure agir para que haja menos cruces em nosso mundo. Pergunte em sua Comunidade ou Sínodo se há uma proposta para destinação dos recursos do jejum diaconal e faça a sua doação.



ORAÇÃO DA NOITE

QUARENTA DIAS

(Gerardo Oberman)

Quarenta dias para andar devagar,
para aprendermos mais uma vez com a história sempre nova da cruz:
paixão de sangue que termina em luz.

Quarenta dias que nos falam ainda
de desprezo e agonia, de solidão e injustiça,
de alianças impossíveis e de mãos que se lavam;
de suborno e traições e de tantas negações.

Quarenta dias que nos ensinam
que onde tudo parecia perdido ainda é possível o milagre;
onde a noite parece eterna sempre volta o amanhecer;
onde a fé parece vencida sempre se pode voltar a crer.

Quarenta dias de olhar a vida
daquele que foi e que é a vida.
Quarenta dias para o arrependimento e para a busca.

Quarenta dias,
que são poucos para tratar de reencontrar o sentido de nossa própria existência,
desafiada pelas palavras e os silêncios, os gestos e os olhares;
as marcas, os passos, os descansos, as festas,
as comidas e os jejuns de Jesus,
o Cristo do amor e da ternura.

Quarenta dias de descobrir, uma vez mais,
que aquilo que começa com cinzas culmina em ressurreição de esperanças
e sonhos novos e horizontes de plenitude.

BÊNÇÃO E ENVIO

Que Deus que salva e liberta, em Jesus Cristo, caminhe com vocês na verdade e na dignidade da vida.

Vão em paz e sirvam ao Senhor com alegria. Amém.



SEGUNDA NOITE

MEDITAÇÃO INICIAL – ELE VIVE!

ACOLHIDA

“Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, ela é poder de Deus.” (1 Coríntios 1.18).

Com essas palavras bíblicas, saudamos vocês nesta segunda noite de oficina de preparação para a Quaresma e Páscoa. Bem-vindos e bem-vindas!

SAUDAÇÃO

Iniciamos este encontro em nome de Deus que, como Pai e Mãe, nos atrai com laços de ternura; em nome de Deus Filho, que acolheu sua gente rejeitada e que também nos acolhe; em nome do Espírito Santo, que nos motiva a irmos ao encontro de cada pessoa. Amém.

ELE VIVE!

(Hull de La Fuente)

“Ele não está aqui, porque já ressuscitou”.

Até hoje estas palavras soam bem

Aos meus ouvidos.

O meu Jesus tão querido

Não está pregado à cruz.

Quando o anjo disse às mulheres

Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia.

Eu imagino a alegria

De Madalena e Maria.

Lá do alto um som se ouvia

Eram anjos em cantoria,

E em aramaico diziam:

Ressurreto é o Senhor!

Colaboração: Diácona Ma. Carla Vilma Jandrey

CRUZ DE CRISTO: PROPOSTAS PRÁTICAS

Catequista Ma. Joni Roloff Schneider

Para a tradição cristã, a Páscoa é a data mais importante do calendário litúrgico, devido à ressurreição de Cristo. O próprio apóstolo Paulo afirma em sua carta em 1 Coríntios 15.14 que “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”. Paulo nos dá a entender que sem a Páscoa, isto é, sem a ressurreição de Cristo, a nossa fé não teria sentido.

Por isso, é tão importante visualizarmos a cruz vazia, não como esquecimento do sofrimento de Jesus, mas porque Jesus “saiu da cruz” e o próprio Deus vem ao nosso encontro com o propósito de salvar a humanidade de seus pecados. Por meio do sacrifício da morte na cruz de Jesus, a humanidade ganhou uma nova chance. Os acontecimentos da Quaresma e a dor e o luto da Sexta-feira Santa transformam-se em alegria na Páscoa.

Nesta oficina prática de *Quaresma e Páscoa*, trouxemos três propostas de símbolos da cruz que evidenciam a ressurreição. Vamos colocar as mãos à obra?

1. CALENDÁRIO DE QUARESMA – TÉCNICA DE COLAGEM COM ROLINHOS DE PAPEL HIGIÊNICO

Como já explicado nos textos anteriores pelo P. Emilio Voigt, a Quaresma é um tempo de penitência, arrependimento e preparação para a Páscoa. Este tempo, que inicia na quarta-feira de cinzas e termina no sábado de Aleluia, dá um total de 46 dias seguidos. No entanto, entre as pessoas cristãs, a Quaresma, como tempo de jejum e oração, é praticada nos 40 dias, desconsiderando os domingos. Jesus jejuou por 40 dias, e se excluirmos os domingos da Quaresma serão exatos 40 dias de jejum para nós. Os domingos são dias de alegria, a exemplo do domingo de Páscoa.

Você já deve conhecer o Calendário de Advento. Agora vamos fazer um Calendário de Quaresma. Ele pode ser usado na família, na escola, no Culto Infantil ou em outros grupos. Nos espaços dos 40 dias, colocamos atitudes de jejum e solidariedade. Nos domingos, colocamos atitudes de gratidão, comunhão e louvor.

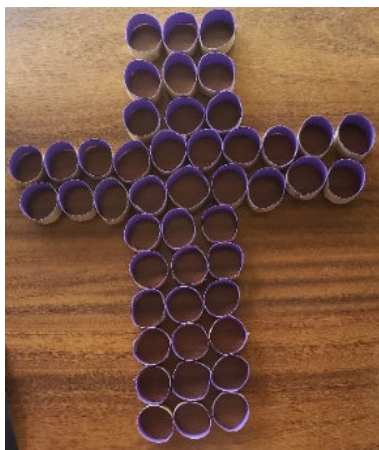
TÉCNICA DE COLAGEM COM ROLINHOS DE PAPEL HIGIÊNICO

Material necessário: 12 rolinhos de papel higiênico, tinta de cor roxa, pincel, cola, tesoura, régua, lápis, cartolina ou E.V.A. de cor violeta, impressão dos números dos dias 22 de fevereiro a 8 de abril (adaptar essas datas a cada ano), impressão de seis palavras “Domingo” e impressão de uma palavra “Sábado de Aleluia”.

Desenvolvimento da atividade:

- Corte os rolinhos de papel higiênico em quatro partes iguais (cada parte dá 2,5 cm de largura). No final, vão sobrar duas partes (meio rolinho que você deverá dispensar).
- Pinte a parte interna dos rolinhos de roxo.

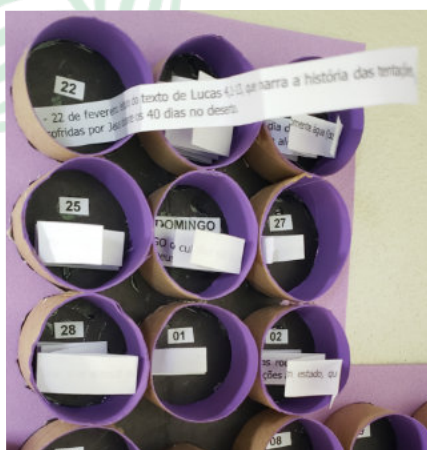




c. Cole os rolinhos uns nos outros, deixando um deles na parte central da cruz.

d. Recorte uma cruz em papel cartolina ou E.V.A. de cor lilás, um pouco maior do que a cruz de rolinhos, e cole a cruz de rolinhos sobre essa base.

e. Cole, dentro dos rolinhos, os dias da semana e os domingos, seguindo as datas do dia 22 de fevereiro a 8 de abril, deixando o “Sábado de Aleluia” para ser colado no rolinho do centro da cruz.



f. Cole, em cada rolinho dos dias da semana, ações de jejum e solidariedade ou frases bíblicas que lembram o período de 40 dias de Quaresma. E, nos domingos, cole ações de gratidão, comunhão e louvor.

Exemplos de atividades para colocar nos espaços:

- 22 de fevereiro (Quarta-feira de Cinzas): leitura do texto de Lucas 4.1-13, que narra a história das tentações sofridas por Jesus durante os 40 dias no deserto.
- 23 de fevereiro: Escolha um alimento ou bebida que não é essencial para a saúde para jejuar durante o período da Quaresma.
- 24 de fevereiro: procure textos na Bíblia que trazem histórias em que as pessoas faziam o uso de cinzas e se vestiam com a roupa de saco para demonstrar tristeza pelo pecado, arrependimento, emergência por algum desastre, ou para demonstrar solidariedade, compaixão ou luto pelo sofrimento de pessoas. Exemplos: Gênesis 37.34; 2 Samuel 13.30-31.
- 25 de fevereiro: reúna seu grupo de amigos e amigas e faça uma visita a um lar de pessoas idosas.
- 26 de fevereiro – 1º DOMINGO da Quaresma: participe do culto e agradeça por tudo que tem recebido do bondoso Deus.
- 27 de fevereiro: não utilize o celular ou o use o menos possível neste dia.
- 28 de fevereiro: combine e prepare uma ação solidária em seu bairro ou cidade.

- 1º de março: não coma carne neste dia.
- 2 de março: revise as suas roupas e calçados em bom estado, que não esteja usando, para doar para instituições assistenciais.
- 3 de março: não coma doce neste dia e no próximo.
- 4 de março: faça doação de sangue em algum hemocentro.
- 5 de março – 2º DOMINGO da Quaresma: chame a sua família e/ou amigas e amigos e prepare um almoço compartilhado, onde todas as pessoas participantes vivenciam e se envolvem com a elaboração e confecção dos pratos. O importante não é a quantidade de comida, mas o compartilhamento da produção e na hora da refeição.

E assim por diante. Adapte as atividades conforme a faixa etária e as possibilidades.

Histórias bíblicas que também podem ser propostas para leitura entre as atividades diárias do Calendário de Quaresma:

- Entrada triunfal em Jerusalém (Mateus 21.1-11; Marcos 11.1-11; Lucas 19.28-44; João 12.12-19).
- Depois da entrada triunfal, Jesus passou a noite em Betânia (Mateus 21.17; Marcos 11.11).
- No dia seguinte, quando saiu de Betânia, Jesus teve fome. Então, viu uma figueira e foi procurar nela algum fruto, porém não encontrou. Por isso, a amaldiçoou (Mateus 21.18-22; Marcos 11.12-25).
- Jesus retornou a Jerusalém e expulsou os mercadores que praticavam comércio no templo (Mateus 21.12-16; Marcos 11.15-18; Lucas 19.45-48).
- Jesus ensina no templo e discute com os religiosos que queriam achar algum motivo para prendê-lo (Mateus 21.23-23,39; Marcos 11.27-12.44; Lucas 20.1-47).
- Jesus avisa aos seus discípulos que em dois dias seria entregue para ser crucificado (Mateus 26.1-5; Marcos 14.1-2).
- Em Betânia, uma mulher unge Jesus com óleo de grande valor, o que Jesus entendeu como uma atitude de preparação do seu corpo para o sepultamento (Mateus 26.6-13; Marcos 14.3-9; João 12.1-8).
- Judas Iscariotes foi procurar os príncipes dos sacerdotes com a finalidade de acertar um acordo para entregar Jesus (Mateus 26.14-16; Marcos 14.10,11; Lucas 22.1-6).
- Jesus deu instruções aos seus discípulos acerca dos preparativos para a Páscoa (Mateus 26.17-25; Marcos 14.12-21; Lucas 22.7-16).
- Jesus realizou e deu instruções sobre a Ceia, que, a partir de então, passou a ser praticada no lugar da antiga Páscoa (Mateus 26.26-30; Marcos 14.22-26; Lucas 22.17-23; cf. 1 Coríntios 11.23-25).
- Jesus lavou os pés dos discípulos (João 13.1-20).
- Jesus avisou que, diante dos fatos de sua prisão, o apóstolo Pedro iria negá-lo. (Mateus 26.31-35; Marcos 14.27-31; Lucas 22.31-34; João 13.36-38).
- Jesus consola seus discípulos entristecidos (João 14.1-16.33).
- Jesus ora a favor dos discípulos (João 17.1-26).
- Jesus vai orar em um jardim chamado Getsêmani, no Monte das Oliveiras (Mateus 26.36-46; Marcos 14.32-42; Lucas 22.39-46).

- Jesus é preso (Mateus 26.47-56; Marcos 14.43-52; Lucas 22.47-53; João 18.1-12).
- Após ser preso, Jesus compareceu perante o Sinédrio que buscava alguma acusação contra Ele (Mateus 26.57-68; Marcos 14.53-65; Lucas 22.54,66-71; João 18.19-24).
- Pedro nega Jesus conforme havia sido avisado (Mateus 26.68-75; Marcos 14.66-72; Lucas 22.54-62; João 18.15-18,25-27).
- Jesus é levado perante Pôncio Pilatos, e o povo, após ser incitado pelos principais sacerdotes, pede a soltura de Barrabás e a crucificação de Jesus (Mateus 27.1-2,11-31; Marcos 15.1-20; Lucas 23.1-25; João 18.28-19.16).
- Jesus é crucificado no lugar chamado Calvário (Mateus 27.32-44; Marcos 15.21-32; Lucas 23.26-43; João 19.17-27).
- Jesus entregou ao Pai o Seu espírito e morreu (Mateus 27.45-56; Marcos 14.33-41; Lucas 23.44-49; João 19.28-30).
- Um soldado fura, com lança, o lado do corpo de Jesus (João 19.31-37).
- Jesus foi sepultado antes do pôr do sol no túmulo cedido por José de Arimatéia. Seu sepultamento também contou com a participação de Nicodemos, que forneceu as especiarias que ungiram seu corpo (Mateus 27.57-61; Marcos 14.42-47; Lucas 23.50-56; João 19.38-42).

2. NA CRUZ, JESUS MORREU POR MIM – TÉCNICA DO CARIMBO

Que tal fazer uma cruz bem grande, em papel ou MDF, e usá-la no culto de Páscoa? Todas as pessoas podem deixar a sua marca (carimbo do polegar) nesta cruz, simbolizando que Jesus morreu e ressuscitou por cada um e uma de nós.

TÉCNICA DO CARIMBO

Material necessário: uma cruz no tamanho que você desejar – pode ser recortada em MDF ou em papel; tinta branca para o fundo da cruz; tinta guache em diversas cores; tampas de potes velhos; panos para limpar as mãos.

Desenvolvimento da atividade:



a. Recorte a cruz no tamanho desejado e deixe-a com o fundo na cor branca.



b. Coloque diversas cores de tinta guache, cada qual em uma tampa. Junto a cada cor deixe um pincel.



- c. Convide as pessoas a passarem um pouco de tinta, da cor desejada, em seu polegar, e depois carimbarem sobre a cruz. Se sobrar espaço podem carimbar mais de uma vez ou a cruz pode ser preenchida em encontros com diferentes grupos.



3. NA PÁSCOA, DEUS VEM AO NOSSO ENCONTRO

TÉCNICA DA RASGADURA

Material necessário: duas folhas de papel sulfite tamanho A4 ou uma folha sulfite tamanho A3; 1 lápis.

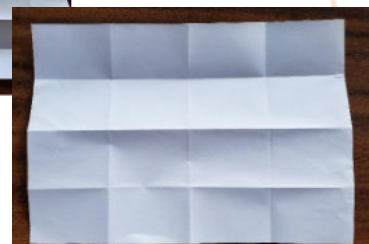
Desenvolvimento da atividade:



- a. Se você usar duas folhas tamanho A4, precisa emendá-las com fita adesiva nas laterais estreitas.



- b. Dobre o retângulo ao meio (uma folha A4 sobre a outra). Dobre mais duas vezes, sempre ao meio.



- c. Abra até ter novamente as duas folhas A4 uma sobre a outra. Agora dobre do contrário, duas vezes.

- d. Abra toda a folha e dobre na emenda, deixando a parte com a fita adesiva no verso. Agora você tem quatro quadrados em cada uma das quatro linhas horizontais.



e. Com a ajuda de um lápis, desenhe a metade do corpo de Jesus – a metade da cabeça no quadrante superior direito; o braço, nos três quadrantes da segunda linha da direita para a esquerda, num formato curvo; a mão, no meio do quarto quadrante da segunda linha da direita para a esquerda; e o corpo, nos três primeiros quadrantes das linhas 2, 3 e 4.



f. Agora, é só rasgar ao longo das linhas desenhadas. No final, dobre para o lado contrário e prenda em paredes, murais ou janelas.

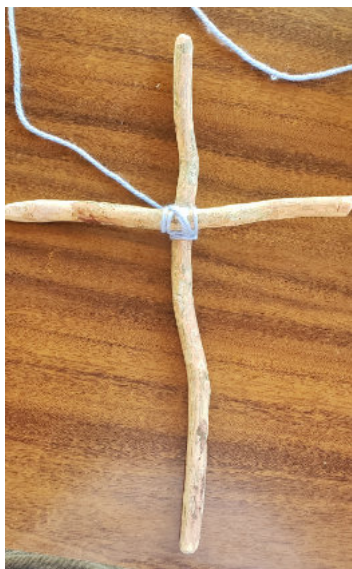
Obs.: Desejamos ressaltar o Cristo que sai da cruz e vem ao nosso encontro, nos perdoar, abraçar, cuidar... por isso, os braços e mãos em tamanho exagerado. Esse modelo de cruz é inspirado em uma das obras do artista Oskar Kokoschka, pintor expressionista e escritor austríaco, que viveu entre 1886 e 1980. Na sua obra com o título *"Em memória das crianças da Europa que vão morrer de frio e fome neste Natal"*, de 1945, ele retratou, através de uma litografia, Jesus crucificado saindo da cruz e esticando seu braço em favor das pessoas.

4. PÁSCOA É VIDA NOVA!

TÉCNICA DA DA CRUZ COM LÃ COLORIDA

Material necessário: pauzinhos de igual espessura para formar uma cruz; lãs ou linhas coloridas; tesoura.

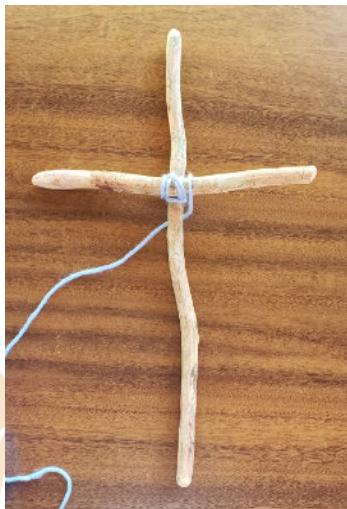
Desenvolvimento da atividade:



a. Prepare dois pauzinhos de igual espessura para formar a cruz. O tamanho da cruz você decide, mas sugerimos que na vertical não ultrapasse os 30 centímetros. Se na vertical tiver 30 centímetros, a horizontal deve ter entre 18 e 20 centímetros.

b. Escolha as cores de sua cruz, tantas quantas quiser. Defina a cor da lã ou linha para começar – fazer o centro. Com esta cor, amarre bem os dois pauzinhos um sobre o outro, formando a cruz.





c. Inicie o trançado com a mesma cor, segurando a cruz com a mão esquerda (se você for destro), tendo à sua frente a haste horizontal sobre a haste vertical.



d. Sempre passe a lã por trás da haste, e depois, uma vez por cima. Siga para a próxima haste por trás e então por cima, conforme a imagem.



e. Siga assim, sempre mantendo a lã bem esticada e um fio ao lado do outro fio. No verso, você pode acompanhar se os fios estão ficando na posição certa.



f. Quando quiser trocar de cor, amarre de forma que o nó fique no verso. Siga adiante até concluir. No final, amarre o fio na haste vertical inferior, e faça os arremates dos fios emendados.



g. Agora, é só usar a sua criatividade e criar tamanhos e cores diferentes. O colorido nos lembra a alegria da ressurreição de Jesus, que deu a sua vida na cruz para nos salvar.



5. PÁSCOA É ALEGRIA!

TÉCNICA DE ROLINHOS DE PAPEL REVISTA

Como representação da alegria pela ressurreição de Jesus e a salvação que ele nos trouxe com a Páscoa, sugerimos mais uma cruz que transmite este sentimento.

Material necessário: Uma revista inteira ou folhas avulsas de revistas, com cores diversificadas. É importante que a gramatura do papel seja menor que 90 g, para ser mais fácil de dobrar. Também é importante que todas as folhas tenham o mesmo tamanho; cola de artesanato tipo silicone; cola tipo tenaz; tesoura; fita adesiva transparente; uma régua ou outro objeto para vincar as folhas; uma folha de papel A4; grampos de roupa ou de papel.

Desenvolvimento da atividade:



a. Corte todas as folhas ao meio no sentido do comprimento. Em seguida, dobre essa meia peça ao meio no sentido do comprimento. Vinque bem com algum objeto, como por exemplo uma régua.



b. Agora, dobre cada lado novamente ao meio e vinque.



c. Repita esse passo em cada lado duas vezes, de forma que o papel fique dobrado três vezes em cada lado. Sempre vinque bem.



- d. Desenhe e recorte uma cruz em papel tamanho A4 para servir de modelo.
- e. Delineie a cruz com tiras de papel revista. É importante prender as emendas com grampos até secar.



- f. Enrole as tiras dobradas em círculos, colando o final com um pequeno pedaço de fita adesiva transparente. Dependendo do tamanho dos círculos, você vai precisar várias tiras. Emende sempre com fita adesiva.
- g. Complete a cruz com diferentes tamanhos de círculos, colando com a cola de artesanato.



- h. Tire o papel ofício que ficou por trás para que a cruz fique vazada. Quando seca, passe cola branca (tipo tenaz) nos dois lados para impermeabilizar.

Obs.: Como esta cruz exige bastante trabalho, pode ser feita coletivamente, distribuindo as tarefas entre o grupo.

ORAÇÃO DA NOITE

PÁSCOA É VIDA QUE NASCE

(LCI 449)

Páscoa é vida que nasce,
Páscoa é ressurreição.
Salve Jesus! Ele vive!
Alegrai-vos todas as nações.

1. Jesus no sepulcro estava
e dentre os mortos ele ressuscitou!
Vamos agora todos aclamar:
Cristo está vivo, já ressuscitou!

2. Guiados pelo amor de Deus.
O coração é só festa, alegria!
E agora vamos proclamar!
Viva Jesus! Viva a luz deste dia!

ORAÇÃO

Deus de amor, agradecemos por estes momentos de reflexão, de partilha e de comunhão. Pedimos que os tempos de Quaresma e Páscoa sejam oportunidades para fortalecer nossa fé na ressurreição, e que nossos atos promovam e defendam a vida. Gratidão pelas pessoas que participaram das oficinas e que multiplicarão o aprendizado com a comunidade, com grupos, com a família e pessoas amigas. Deus, fortalece nossos dons, para sermos sal e luz no mundo. Em nome de Teu amado Filho Jesus Cristo, nós oramos. Amém.

BÊNÇÃO

Que a bênção de Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo seja com vocês e permaneça com vocês para sempre. Amém.

ENVIO

Vão em paz. Anunciem a todas as pessoas que Cristo venceu a morte. Cristo ressuscitou. Vivam seu Batismo, brilhem a luz de Cristo em seu servir. Vão em paz e sirvam ao Senhor com alegria. Amém.



ENCONTROS E CELEBRAÇÕES

As propostas apresentadas abaixo também querem ajudar na preparação dos encontros de Quaresma e Páscoa. Elas foram compiladas de materiais da IECLB e sempre podem ser adaptadas, conforme as características do grupo e o formato (virtual ou presencial) em que serão usadas. Desejamos que as sugestões possam tornar o tempo de Quaresma e Páscoa mais envolvente e significativo.

O ARTISTA DA PAZ: A HISTÓRIA DA CRUZ SALVADORENHA



Photo by Juan Arrieta

Olá! Meu nome é Christian Chavarría Ayala. Nasci no país de El Salvador, numa família muito pobre. Eu era o sexto filho de uma família de 12 irmãos. Aos quatro anos e meio, fui obrigado a deixar a minha terra natal porque dentro do meu país havia uma grande guerra. Parte da minha família não resistiu aos ataques, e as pessoas que sobreviveram tiveram de deixar o país para procurar refúgio em Honduras, um país vizinho.

Em Honduras, vivemos num campo de refugiados durante sete anos, até a nossa volta para El Salvador, quando eu já tinha 11 anos de idade. Logo depois, já tive que lutar na guerra do meu país. Tudo o que tinha visto ao longo da minha vida era apenas morte, dor e sofrimento. Não tive oportunidade de ter brinquedos e, muitas vezes, nem sequer tinha algo para comer. A situação de guerra no meu país também não me permitiu desfrutar minha infância.

Quando eu tinha oito anos, comecei a pintar, porque era algo de que eu gostava muito. Fazia os meus próprios desenhos. A pintura tornou-se o meu passatempo favorito, até que um dia se tornou o meu trabalho e a oportunidade de estudar e também de ajudar a minha família. A pintura também me ajudou a aliviar a dor de tudo o que eu já tinha vivido.

Depois, aos 15 anos de idade, tive de fugir novamente do meu país e fui enviado para a Suécia, sozinho, sem família, sem amigos, como refugiado infantil. Foi necessário para salvar a



Photo by Juan Arrieta

minha vida. Eu pensava que a vida era dura demais comigo e perguntava-me se todas as crianças do mundo estavam passando dificuldades como eu. No entanto, havia algo em mim que mantinha a esperança e a fé de poder ter uma vida diferente. Mais tarde, tornei-me pastor, e agradeço a Deus pelo chamado para servir nas comunidades do meu país.

Sempre gostei de pintar cruzes da maneira típica do meu país, coloridas e cheias de vida. Essas cruzes tornaram-se bastante famosas em todo o mundo. Nelas, eu pinto a esperança. Essas cruzes já chegaram a 126 países! E agora, é uma bênção eu poder continuar a pintar e partilhar com pessoas de todo o mundo o dom que Deus me deu.

É para mim uma grande honra poder enviar uma saudação especial às crianças do Brasil. Todas as crianças têm direito a ser felizes, viver a sua infância ao máximo sem que ninguém as impeça de realizar os seus sonhos. A todas vocês, crianças do Brasil, envio o meu abraço fraterno e as minhas orações para que Deus as proteja sempre. Sonhem grande e busquem realizar esses sonhos. Tudo é possível quando colocamos o que fazemos ou queremos fazer nas mãos de Deus.

Espero um dia muito em breve poder visitar novamente o Brasil e continuar a partilhar com vocês a arte salvadorenha e um pouco mais da minha vida.

Com amor
Christian Chavarría Ayala
El Salvador

CELEBRAÇÃO DE PÁSCOA COM CRIANÇAS

**REVISTA O AMIGO DAS CRIANÇAS, EDIÇÃO
104, MARÇO E ABRIL, 2023, P. 6 E 7.**

PROPOSTA METODOLÓGICA DO AMIGO :

<https://www.luteranos.com.br/textos/proposta-metodologica-para-uso-da-revista-o-amigo-das-criancas>



MEDITAÇÃO DE QUARESMA – A CRUZ DE CRISTO

Material necessário: cruz de tecido na cor branca; tecidos coloridos em quantidade suficiente para que cada pessoa recorte uma cruz pequena; tesouras.

Sino

Acende-se a vela

LITANIA DE ENTRADA

L. O sol nasceu, um novo dia raiou!

G1. Com eles, Deus nos recebe e nos acolhe, pois a cada manhã a sua graça e misericórdia renascem, assim como o seu amor pelas criaturas e pela criação inteira.

G2. Graças te damos, Deus da vida e da criação, pela luz de um novo dia.

G1. Graças te damos, Deus do amor e da redenção, pela vida de cada dia e pela vida que continua para além da morte.

G2. Graças te damos, Deus Espírito, fôlego e energia, vento que sopra sobre nós, nos transforma, nos movimenta, gera vida em abundância, vidas em comunhão, cria um mundo de paz e justiça.

C. Em tua presença, ó Deus, iniciamos este dia. Amém!

(Caderno de devocionais “Orações da manhã”, IECLB, Sede Nacional, p. 1.)

Canto

Oração

L. Nesta manhã, amado Deus, vem nos acompanhar. Envolve-nos com o teu Santo Espírito que cria e recria a vida. Sopra sobre nós o vento da esperança que anima e faz brotar sementes de uma nova realidade. Por Jesus, nosso mestre e Salvador! Amém.

Preparação para a leitura bíblica

Antes de lermos o texto bíblico desta manhã, recordemos, em silêncio, a nossa semana. O que fizemos a cada novo dia? (...) Que textos e palavras bíblicas nos motivaram? (...) Que pessoas e grupos encontramos em nossas visitas? (...) Que situações nos confrontaram? (...) Que desafios nos foram colocados?

Com esta memória da semana, convido a lermos, individualmente, o texto bíblico para esta manhã.

LEITURA BÍBLICA DO DIA

1 Coríntios 1.13-24

De que maneira esta palavra ilumina a semana que aqui vivemos? *Refletir em silêncio!*

REFLEXÃO

A palavra bíblica deste dia nos recorda que a sabedoria de Deus não está fundada nem na força, nem na ciência, nem na tecnologia, nem no poder e nem na sabedoria humana. A cruz de Cristo é uma afronta à sabedoria deste mundo, que busca incessantemente a realização pessoal

e a felicidade nos bens materiais, no acúmulo de riquezas, e até mesmo na enlevação espiritual individual e na intelectualidade descompromissada. Embora a cruz seja usada pelas pessoas cristãs como símbolo de perdão, paz e amor de Jesus, as suas origens revelam o lado vergonhoso e cruel da humanidade, assim como o *pau de arara*, um método de tortura na ditadura brasileira.

(O pau-de-arara consiste numa barra de ferro que é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o "conjunto" colocado entre duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado a cerca de 20 ou 30 cm do solo.)

Ou o tronco na história da escravidão no Brasil e outros países.

*(Um dos mais famosos e cruéis castigos usado nos **escravos** considerados "rebeldes". A pessoa tinha a roupa arrancada e era presa por algemas e correntes em um tronco reto de pouco mais de 2 m de altura. A partir daí uma "plateia" se formava em torno do "espetáculo" e a **tortura**).*

A cruz era um instrumento de tortura e morte, era aplicada aos delinquentes perigosos ou subversivos do tempo de Jesus. Que Deus é esse que se revela na cruz? Um Deus torturado, humilhado! É isso que Paulo lembra quando diz que a cruz é loucura para quem pensa a partir da sabedoria humana, que vislumbra a glória. Parece mais fácil falar do Jesus ressurreto; contudo, o significado da ressurreição se esvazia sem o Cristo da cruz.

Hoje, a cruz, no seu mais horrendo significado, ainda é uma realidade. Pensem nas situações de cruzes que conhecemos em nossos contextos. Pensem nas pessoas perseguidas por causa de sua vida entregue à luta por justiça. Um exemplo é o da Irmã Dorothy – assassinada no Pará, região da Amazônia, em 2015, pela sua luta na defesa de pessoas sem terra.

Retomemos a memória do Êxodo. Quem é Deus? Deus que se revela no Êxodo liberta da opressão. Sim, mas o Deus que se revela na cruz de Jesus Cristo vai além. Na cruz, Deus fica junto, sofre junto, sente a mesma dor das vítimas da miséria humana.

A cruz ainda é uma realidade, mesmo que Cristo a tenha vencido e conquistado a ressurreição. Vivemos, como pessoas cristãs, no horizonte da esperança na ressurreição e, já no agora, experimentamos sinais dessa ressurreição. Mas as lutas cotidianas passam pela amargura da cruz. Ignorar essa realidade é incorrer no erro da sabedoria humana, que só quer falar da glória e da vitória e passa por cima da dor, da opressão. Vivemos entre a cruz e a ressurreição. Uma realidade ilumina a outra.

Silêncio para meditar!

FINALIZAÇÃO – ATIVIDADE EM GRUPO

Formar grupos de quatro pessoas. Recortar uma cruz em tecido, enquanto conversam sobre as situações que expressam as cruzes vividas em nossos contextos. Lembrar as pessoas ou grupos que vivem duramente a realidade de cruz. Colocar o nome dessas pessoas ou grupos sobre as pequenas cruzes.

Compartilhar com o grande grupo e deitar a pequena cruz na grande cruz [branca].

Canto

Oração

Amado Deus! Em Jesus nos encontrei, chegaste bem perto de nós, da nossa realidade, e conhecestes a miséria humana, experimentando-a na própria carne. Nós te damos graças por tua incomparável sabedoria e imensurável compaixão. Pedimos-te que o teu Espírito nos capacite com esta louca sabedoria, revelada na cruz. Que ela ilumine as nossas ações, e a força

que dela emana nos revista de poder para o exercício da tua missão neste mundo, em solidariedade de quem vive a realidade da cruz. Graças te damos, por Jesus Cristo, o crucificado e o ressurreto. Amém!

BÊNÇÃO

L. A paz de Deus esteja com vocês.

C. E também com você.

L. Meu corpo e minha alma se alegram no Deus libertador, crucificado e ressurreto.

C. Com a bênção deste Deus, seguimos caminhando. Amém!

Canto

Apaga-se a vela

Sino

Catequista Dra. Erli Mansk

MEDITAÇÃO PARA A QUARESMA – CENTRALIDADE DA CRUZ

Material necessário: folhas de papel tamanho A4 para todas as pessoas; óleo para a unção. Conferir como se faz a dinâmica da dobradura no final da meditação.

ACOLHIDA

Oficiante: A minha alma tem sede de Deus, pelo Deus vivo anseio com ardor: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”.

Alegrem-se... vocês que têm saudades de Deus: o reino dos céus lhes pertence e está entre vocês.

Os tristes: consolo lhes será dado.

Os de espírito manso: possuirão a terra.

Os que mostram misericórdia: receberão misericórdia.

Aqueles cujo coração é livre: verão a Deus.

Aqueles que lutam pela Paz: Deus os chamará pelo nome.

E os que sofrem por causa da justiça: entrarão no Reino dos Céus.

Alegrem-se, pois Deus está com aquelas pessoas que se reúnem em seu nome. Que anseiem seu perdão, paz, amor, justiça e retorno. Amém.

Hino: LCI 426

Salmos: Leitura em responsório do Salmo 6.

Leitor 1: Senhor, não me repreendas na tua ira,

Comunidade: nem me castigues no teu furor.

L 1: Tem compaixão de mim, Senhor, porque eu me sinto debilitado,

C: sara-me Senhor, porque os meus ossos estão abalados.

L 1: Também a minha alma está profundamente perturbada,

C: mas tu Senhor, até quando?

L 1: Volta-te, Senhor, e livra a minha alma,

C: salva-me por tua graça.

L 1: Pois, na morte, não há recordação de ti,

C: no sepulcro, quem te dará louvor?

L 1: Estou cansado de tanto gemer,

C: todas as noites faço nadar o meu leito, com minhas lágrimas o alago.

L 1: Meus olhos de mágoa se acham amortecidos,

C: envelhecem por causa de todos os meus adversários.

L 1: Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade, porque o Senhor ouviu a voz do meu lamento;

C: o Senhor ouviu a minha súplica, o Senhor acolhe a minha oração.

INVOCÇÃO

Oficiante: Invocamos-te, Deus que age como Pai e Mãe, para que em tua infinita misericórdia acolha as pessoas necessitadas. Cuida das pessoas desencantadas. Proteja quem está fraco. Encaminha as pessoas perdidas e perdoa as pecadoras. Conduz-nos, o teu povo perdido, nos caminhos da sabedoria, do perdão e da ressurreição. Amém. (Adaptado de Vera Lúcia Chavatal)

Hino: LCI 36

Oração

Leitor 2: Deus de misericórdia sem fim, que Teu Santo Espírito esteja conosco nesse encontro, abrindo os nossos corações, mentes e vidas, para esvaziarmos todo o mal, perversidade e egoísmo que impedem a convivência sadia contigo e solidária com o nosso irmão e irmã do dia a dia. Amém.

LEITURA BÍBLICA

Leitor 3: Lucas 13.1-9

MEDITAÇÃO

Dinâmica da cruz – técnica de rasgadura e papel

(ver a dinâmica no final da meditação)

CONFISSÃO DE PECADOS

Oficiante: Cantemos como preparação para entregarmos todas as cargas e tormentos ao Deus de amor sem fim:

Pelas dores deste mundo, ó Senhor, imploramos piedade.

A um só tempo geme a criação.

Teus ouvidos se inclinam ao clamor, desta gente oprimida.

Apressa-te com tua salvação.

*A tua paz, bendita e irmanada co'a justiça.
Abrace o mundo inteiro. Tem compaixão!
O teu poder sustenta o testemunho do teu povo.
Teu reino venha a nós!
Kyrie eleison! (LCI 56)*

Pedidos de perdão. Entre cada petição de perdão canta-se o hino sugerido (LCI 268)

Leitor 4: Pela injustiça e as desigualdades no mundo...

C: "Cordeiro de Deus, que tiras o pecado do mundo, tem piedade de nós."

L 4: Pela guerra, a violência e o derramamento de sangue...

C: "Cordeiro de Deus, que tiras o pecado do mundo, tem piedade de nós."

L 4: Pela ganância, o egoísmo e a indiferença aos sofrimentos...

C: "Cordeiro de Deus, que tiras o pecado do mundo, tem piedade de nós."

L 4: Pedidos individuais...

C: "Cordeiro de Deus, que tiras o pecado do mundo, tem piedade de nós."

C: Confesso em tua presença que muito pequei por atos, omissões e desejos que não posso compreender plenamente, que Tu, porém, conheces. Senhor, arrependo-me sinceramente desses pecados e, confiando no amor que revelaste em teu Filho Jesus Cristo, te suplico: perdoa-me, Senhor, e ajuda-me em minha fraqueza. Amém.

Oficiante: Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que crê não pereça, mas tenha a vida eterna. E Jesus Cristo diz: venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio. Se de alguns perdoardes os pecados, são lhes perdoados.

Unção com óleo

(O oficiante recita as palavras de absolvição abaixo, fazendo o sinal da cruz na testa da pessoa e abençoando-a.)

Oficiante: Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, eu te anuncio a absolvição dos pecados confessados de coração.

Hino: LCI 426

Leitor 6: Feliz aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Feliz aquele a quem o Senhor não atribui a iniquidade, e em cujo espírito não há dolo. Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos, diz o salmista. Confessei-te então o meu pecado, e a minha iniquidade não mais oculte; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado. Muito sofrimento terá de curtir o ímpio, mas o que confia no Senhor, a misericórdia o assistirá. Por isso, alegrai-vos no Senhor.

Amém.

Hino: LCI 51

ORAÇÃO FINAL

C: Tu és um Deus maravilhoso, cheio de amor.
Tu nos governas maravilhosamente e amigavelmente.
Tu nos levantas, quando nos rebaixas.
Tu nos tornas justo, quando de nós fazes pecadores.
Tu nos levas ao céu, quando nos atiras no inferno.
Tu nos dás a vitória, quando permites que sejamos vencidos.
Tu nos consolas, quando nos deixas enlutados.
Tu nos fazes alegres, quando nos deixas gritar.
Tu nos fazes cantar, quando nos deixas chorar.
Tu nos fortaleces, quando sofremos.
Tu nos tornas sábios, quando de nós fazes tolos.
Tu nos tornas ricos, quando nos envias a pobreza.
Tu de nós fazes senhores, quando nos deixas servir.

(Martin Lutero)

Hino: LCI 176

BÊNÇÃO: Salmo 126. 3-6.

Oficiante: De fato, O Senhor fez grandes coisas por nós, e por isso estamos alegres.

Ó, Senhor, faze com que prosperemos de novo, assim como a chuva enche de novo o leito seco dos rios.

Que aqueles que semeiam chorando façam a colheita com alegria!

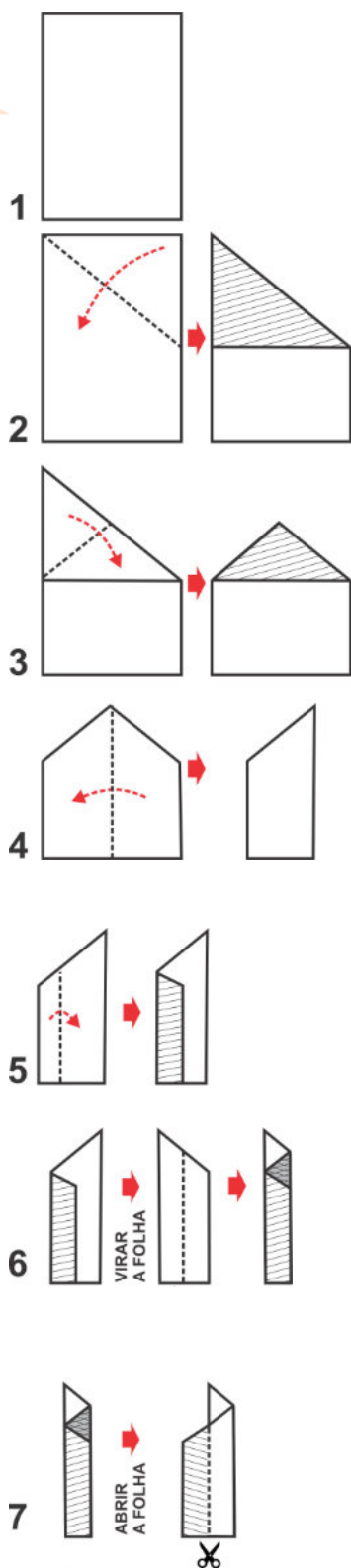
Aqueles que saíram chorando, levando as sementes para semear, voltarão cantando, cheios de alegria, trazendo nos braços os feixes da colheita.

Que assim o Deus Todo poderoso e amoroso abençoe e guarde vocês. Amém.

P. Olmiro Ribeiro Junior

DINÂMICA DA CRUZ

Introduzir a dinâmica a partir de uma resenha do texto bíblico, salientando a necessidade da confissão de pecados da penitência.



1º passo – Trabalhar a folha em branco como algo sem identidade e sem forma: nós distantes de Deus e da comunidade igualmente não sabemos quem somos.

2º passo – Formar uma meia água: no aproximar-se de Deus e na convivência comunitária vamos descobrindo quem somos. No entanto, o processo de autodescobrir-se é lento.

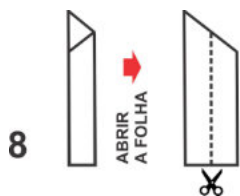
3º passo – Formar a casa: destacando que essa é a nossa vocação perante Deus, templo do Espírito Santo, mas que não vivemos assim.

4º passo – Fazer uma dobra, dobrando a folha no meio: destacar que diante de nossa condição existencial de pecadores, nos isolamos na nossa existência, procurando unicamente o nosso bem. Permanecemos como meia água.

5º passo – fazer outra dobra: relacionando que o egoísmo, a ganância, o individualismo e o afastamento de Deus é algo vicioso. Vamos diminuindo.

6º passo – Fazer mais uma dobra: destacar que a pessoa chega no limite, no ponto em que a vida não é mais suportável. Que estamos reduzidos a quase nada.

7º passo – Rasgar um pedaço: trabalhar a necessidade de romper com algumas coisas que nos escravizam. O que nos afasta de Deus e da convivência com as outras pessoas? Convidar as pessoas a pensarem sobre o que dificulta a sua vida em comunidade, na partilha e na comunhão, e o que ela estaria disposta a mudar. A pessoa então rasga o pedaço, pensando no que está disposta a mudar.



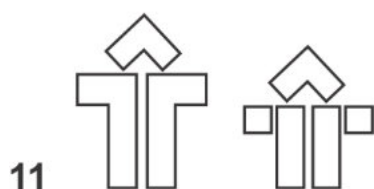
8º passo – Rasgar mais um pedaço do papel: convidar a pessoa a pensar em algo mais que ela gostaria, ou necessitaria mudar. E depois rasgar o papel.



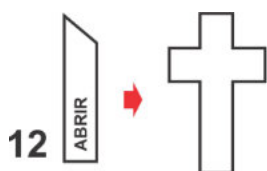
9º passo – Guardar o miolo do papel: o que é o centro da nossa vida. E trabalhar com o que sobrou dos cortes no papel. Pedir para que as pessoas formem a palavra lixo com o que sobrou, permitindo que possam antes adivinhar a palavra. Como por exemplo: o que nos colocamos fora, chamamos de...



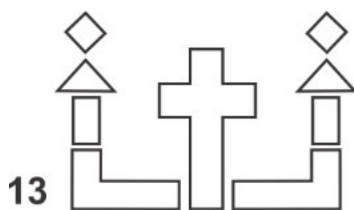
10º passo – Após montar a palavra lixo, montar a palavra Luz, destacando que quem possibilita e nos convida a mudar, a entregar as nossas falhas a Deus, é Cristo, a Luz do mundo, que ilumina a nossa escuridão. Igualmente fazer com que as pessoas possam adivinhar a palavra Luz.



11º passo – Após montar a palavra Luz, montar a imagem de duas pessoas, destacando que o processo de mudança acontece na comunhão, partilha e solidariedade entre as pessoas, e enfatizando que onde duas ou três pessoas se reúnem Deus está no meio delas. Igualmente possibilitar que as pessoas possam adivinhar o que foi feito com o papel.



12º passo – Após montar a imagem das duas pessoas, destacar que isso só acontece a partir do centro da nossa existência. Convidar as pessoas a abrir o central da sua vida que foi colocado de lado. Destacar a centralidade da cruz para a vida com Cristo.



13º passo – Após abrir a cruz, montar o altar, lembrando que todo o processo de autodescobrimento, de mudança, aproximação de Deus e convivência comunitária tem um lugar fundante, que é o culto, o local primordial em que Deus vem até nós para nos alimentar, curar e sarar, mediante sua palavra, os sacramentos e a comunhão.

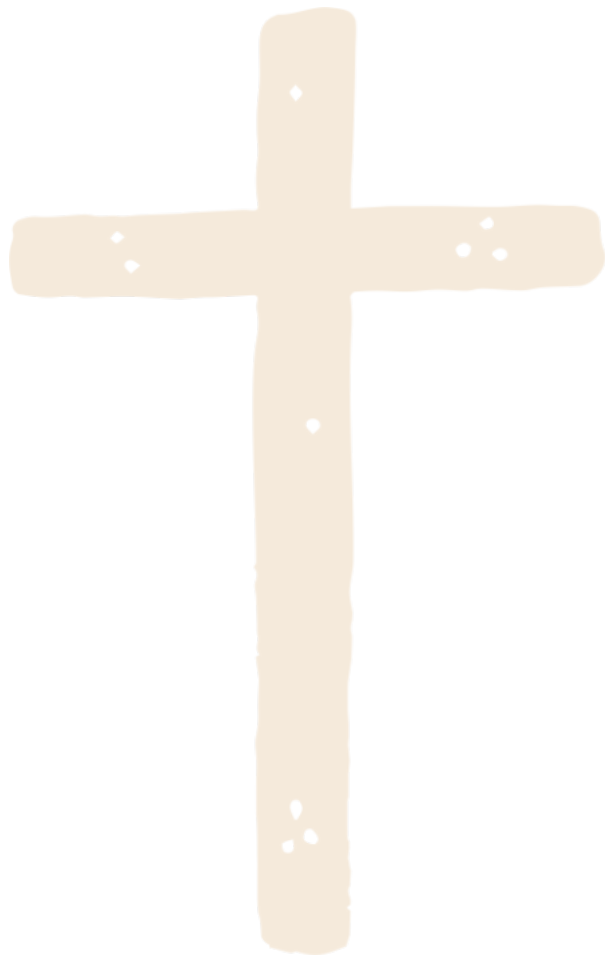


ENCARAR A CRUZ DE JESUS

Olhar pra cruz
É ter que reconhecer
Que ela tudo tem a ver
Comigo
E contigo

Encarar a cruz
É ter que perceber
Que ela tem algo a dizer
Pra mim
Pra ti
Pra nós, enfim.

E vivenciar a cruz
É crer
Que o crucificado morre
Ao meu lado
Ao teu lado
Ao nosso lado
Para que ele possa viver
Ao meu lado
Ao teu lado
Ao nosso lado
Ressuscitado!



Fonte: Pastora Louraini Christmann. Disponível no Portal Luteranos, em <https://www.luteranos.com.br/textos/poemas-para-a-semana-santa>

DURAS PENAS!

Passando por duras penas
Penando amarguras
Nada pequenas
Nas estradas
Nada amenas
Da Palestina
Daquele tempo,
Da nossa América Latina
Do nosso tempo
Passando por duras penas
Penando amarguras...



Deus sofre em Jesus
Deus morre na cruz
Mas socorre a vida
Ressurgida do nada
Resgatada
Ressuscitada...

Viva a Páscoa
Nas amarguras nada pequenas
Nas estradas nada amenas
Da nossa América Latina!
Sim! Viva a Páscoa!!

Fonte: Pastora Louraini Christmann. Disponível no Portal Luteranos, em
<https://www.luteranos.com.br/textos/poemas-para-a-semana-santa>

VIVA A PÁSCOA – JOGRAL

Dinâmica: depois da leitura do Evangelho, faz-se um momento de silêncio. Ouve-se o sino (ou um sininho) durante alguns segundos. Aí, entram em ação as seis pessoas, conforme indicado abaixo.

Todas (menos a pessoa 4): PÁSCOA!

Pessoa 2 passa correndo no meio da igreja e, no final, diz: PASSAGEM.

Pessoa 4 sai de dentro de uma caixa (melhor seria se tivesse o formato de um ovo): LIBERTAÇÃO.

Pessoa 6 mostra um broto de uma semente: VIDA NOVA.

Pessoas 1, 3 e 5 levantam dos seus lugares e apontam para o Círio Pascal: RESSURREIÇÃO.

Todas pulando e erguendo os braços: VIVA (permanecem assim alguns instantes).

Todas caminham até a fonte (bacia com água), acocoram-se e dizem: BATISMO.

Pessoa 3 se levanta e, mexendo na água da fonte, diz: BATISMO TAMBÉM É RESSURREIÇÃO.

Pessoa 1, levantando-se: TAMBÉM É LIBERTAÇÃO.

Pessoa 5, levantando-se: É O ABRAÇO DE DEUS.

Pessoas 2, 4 e 6, levantando-se: É VIDA NOVA.

Todas fazem um sinal de convite para a comunidade: VIVA!

Todas se dirigem à frente do altar e sentam ali com um olhar pensativo.

Pessoa 6: CORNÉLIO AGUARDAVA ANSIOSO O ANÚNCIO DA RESSURREIÇÃO.

Pessoa 3: ELE QUERIA APRENDER MAIS SOBRE A VIDA NOVA.

Pessoa 1: PEDRO CONHECIA A LIBERTAÇÃO.

Pessoa 4: ELE CONVIVEU COM O RESSURRETO.

Pessoa 5: MAS AINDA TINHA MUITO A APRENDER.

Pessoa 2: NA CASA DE CORNÉLIO, PEDRO ENTENDEU:

Todas de pé, abraçadas, sendo que as pessoas das extremidades estendem os braços como sinal de continuação do abraço: O ABRAÇO DE DEUS NÃO TEM FRONTEIRAS.

Pessoas 3 e 4 dão um passo para frente e dizem: PEDRO COMEÇOU A ENSINAR.

Pessoas 1 e 2 dão um passo para frente e dizem: CORNÉLIO, SEUS FAMILIARES...

Pessoas 5 e 6 dão um passo para frente e dizem: E AMIGOS MAIS ÍNTIMOS...

Todas fazendo um sinal de quem ouve atento: OUVIAM COM ATENÇÃO.

Pessoa 1: COMO APRENDERIA DO MESTRE,

Pessoas 3 e 5: PEDRO CONTOU-LHES UMA HISTÓRIA,

Pessoas 2, 4 e 6: A HISTÓRIA DE JESUS,

Pessoas 1 a 3: SEU BATISMO E ATUAÇÃO.

(4 é João Batista, 5 é Jesus e 6 é um doente no chão. Enquanto falam, Jesus é batizado e ajuda a pessoa a se levantar).

Pessoas 4 a 6: SUA MORTE NA CRUZ... (todas caem abruptamente e ficam imóveis e em silêncio durante alguns segundos).

Todas levantando-se num salto: E A RESSURREIÇÃO.

Pessoa 5 dirigindo-se para a fonte: CORNÉLIO E OS SEUS COMPREENDERAM.

Pessoa 1 dirigindo-se para a fonte: MAIS DO QUE ISSO:

Pessoas 2 e 4 dirigindo-se para a fonte: ACEITARAM.

Pessoa 3 dirigindo-se para a fonte: O ESPÍRITO SANTO SE MANIFESTOU...

Pessoa 6 dirigindo-se para a fonte: SOBRE CADA PESSOA QUE OUVIU A BOA NOVA.

Todas fazem o gesto do Batismo com a mão na água, viram-se para a comunidade e dizem: E FORAM BATIZADOS.

Todas permanecem olhando nos olhos das pessoas da comunidade, uma a uma.

Todas: SOMOS BATIZADOS.

Pessoa 6: VIVER A PÁSCOA...

Pessoa 3: É VIVER O BATISMO.

Pessoa 4: É MORRER...

Pessoa 1: E RESSUSCITAR DIARIAMENTE.

Pessoa 2: É OUVIR A PALAVRA;

Pessoa 5: ENSINAR E APRENDER A BOA NOVA;

Todas: CONVERTER-SE A CADA DIA.

Pessoa 1 diz a sua palavra bem alto e, depois, começa a repetir baixinho as outras palavras, conforme cada uma vai sendo dita. Cada pessoa diz sua palavra em voz alta e vai repetindo em voz baixa até que todas estejam falando em conjunto todas as palavras. Depois de repetir em voz alta uma vez, todas param, e 1, 3 e 5 entram imediatamente.

1: OUVIR

5: CONTAR

2: DANÇAR

4: OLHAR

3: SENTIR

6: SEGUIR

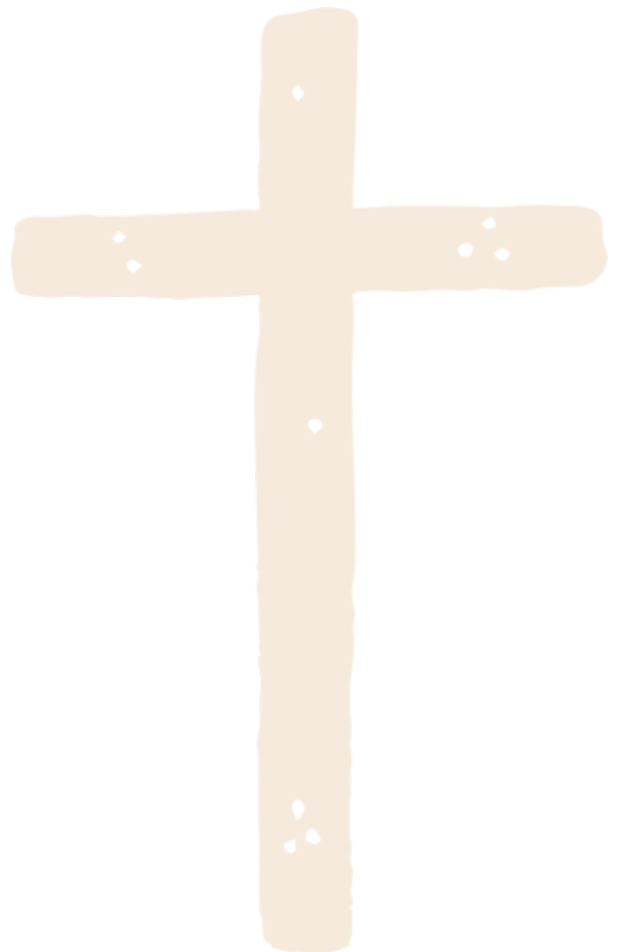
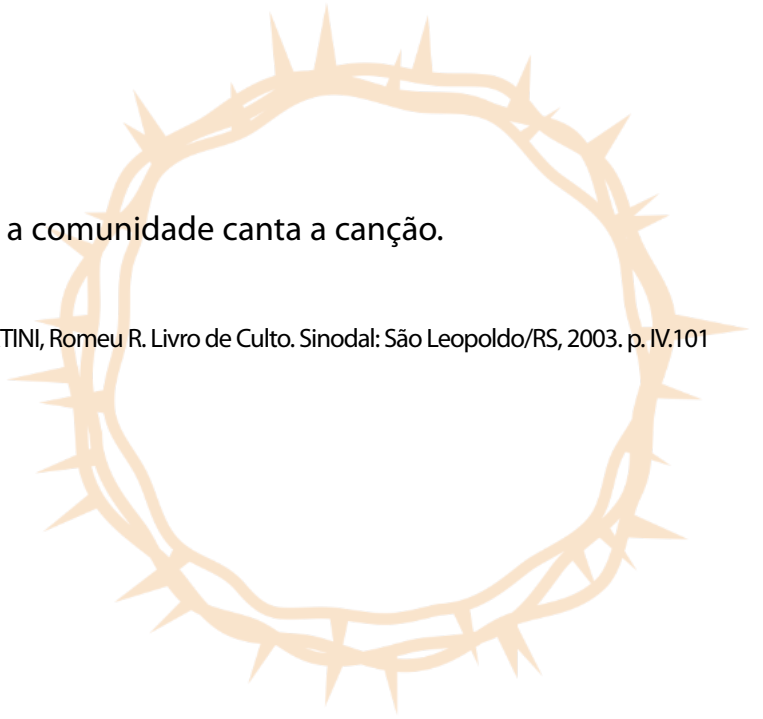
1, 3 e 5: A BOA NOVA

2, 4 e 6: A RESSURREIÇÃO

Todas: VIVA A PÁSCOA

O sino toca novamente. Sem anúncios, a comunidade canta a canção.

Fonte: Catequista Dr. Edson Ponick. Publicado em: MARTINI, Romeu R. Livro de Culto. Sinodal: São Leopoldo/RS, 2003. p. IV.101





CANTOS

Abaixo, você encontra vários vídeos musicais compilados pelo musicista Wagner Petry Moraes para usar com seu grupo ou nas celebrações de Quaresma e Páscoa.

HNOS DO LIVRO DE CANTO DA IECLB QUE REFLETEM SOBRE A CRUZ!



LCI 425 - Ó fronte ensanguentada

https://www.youtube.com/watch?v=6PM1MoBj41E&t=1s&ab_channel=Par%C3%B3quiaMatrizIECLB



LCI 426 - Ó meu Jesus

https://www.youtube.com/watch?v=Pp_6-9Njcl8&t=1s&ab_channel=Par%C3%B3quiaMatrizIECLB



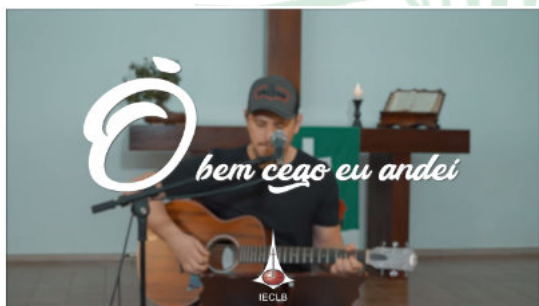
LCI 447 - Cristo vive e nós também

https://www.youtube.com/watch?v=DnaohykCH9w&ab_channel=OCEVA



LCI 585 - Foi na cruz

https://www.youtube.com/watch?v=YRhISPqL2CI&ab_channel=LuteranosItaja%C3%AD



LCI 585 - Foi na cruz

https://www.youtube.com/watch?v=nmF1H4q8Nwg&ab_channel=ComunidadeEvang%C3%A9licaLuzernaIECLB



LCI 588 - Quem quer cantar do amor

https://www.youtube.com/watch?v=5uKGx0oMYss&ab_channel=OCEVA



FICHA TÉCNICA

Oficina *on-line* de Quaresma e Páscoa (2º ano) – A cruz de Cristo

Este *e-book* é uma publicação da IECLB, Secretaria da Ação Comunitária/Coordenação de Educação Cristã e Coordenação de Diaconia e Inclusão.

Organização: catequista Maria Dirlane Witt, catequista Daniela Hack, diácona Carla Vilma Jandrey

Elaboração: diácona Carla Vilma Jandrey, pastor Emilio Voigt, catequista Erli Mansk, catequista Joni Rollof Schneider, pastor Olmiro Ribeiro Junior, regente Wagner Petry Moraes

Assessoria da oficina: pastor Emilio Voigt, catequista Joni Rollof Schneider

Revisão ortográfica: Susanne Buchweitz

Projeto gráfico, capa e diagramação: Artur Sanfelice Nunes

Realização

Seminário Comunidades Criativas

Secretaria da Ação Comunitária da IECLB, por meio da Coordenação de Diaconia e Inclusão e da Coordenação de Educação Cristã



Apoio:



Ofertas Nacionais para a Educação Cristã Contínua



© Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2023
Rua Senhor dos Passos, 202, 4º andar
90020-180 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3284 5400
secretariageral@ieclb.org.br
www.luteranos.com.br